

Demostudo

Por: Ana Clara Rodrigues Souto

Funções da Linguagem

2020

Sumário

1	Roteiro de estudos	2
1.1	Conteúdo	2
1.2	Sugestões para complemento do estudo	2
1.3	Ações a serem tomadas	2
2	O que são as funções da linguagem?	2
3	Quais são as funções da linguagem?	2
3.1	Emotiva	2
3.2	Conativa ou Apelativa	3
3.3	Fática	3
3.4	Referencial ou Denotativa	4
3.5	Poética	4
3.6	Metalinguística	4
4	Lista de Exercícios	5
5	Gabarito	12

1 Roteiro de estudos

1.1 Conteúdo

Funções da Linguagem

1.2 Sugestões para complemento do estudo

<https://youtu.be/5JrCUWnqHBk> (Referencial, Emotiva e Conativa ou Apelativa - Prof Noslen - 13 minutos)

<https://youtu.be/iwyZbcC9pU0> (Metalinguagem, Fática e Poética - Prof Noslen - (8 minutos)

1.3 Ações a serem tomadas

- I. Ler o material abaixo;
- II. Fazer a lista de exercícios após o material;
- III. Conferir o gabarito e as resoluções;
- IV. Realizar as sugestões acima.

2 O que são as funções da linguagem?

As funções da linguagem são maneiras de utilizar a língua como meio para enfatizar aquilo que o emissor (quem está propagando a mensagem) deseja transmitir para o receptor (quem está recebendo a mensagem). Para que isso seja possível, há seis tipos de funções: emotiva, fática, apelativa (ou conativa), referencial (ou denotativa), poética e metalinguística. Cada uma dessas funções é focada em um dos elementos de comunicação: emissor, receptor, mensagem (aquilo que é emitido), canal (meio utilizado para emitir), código (língua) e contexto. Logo, é de extrema importância sabê-los e entender o que representam.

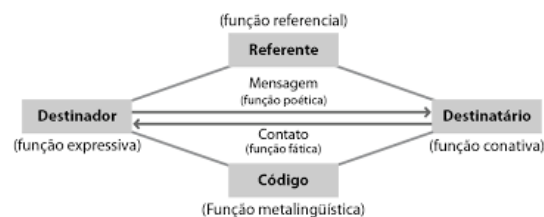


Figura 1:
[funoes]

3 Quais são as funções da linguagem?

3.1 Emotiva

Nessa função o emissor deseja **focar em seus sentimentos, emoções e subjetividade (opinião pessoal), sendo assim, esse tipo de texto normalmente é escrito em primeira pessoa**. O elemento de comunicação em foco é o **emissor**. Ex.: diários, cartas, postagens de Instagram, e-mail e páginas de blog. Para exemplificar, segue abaixo uma página do livro Diário de Anne Frank, que muito representa a função emotiva.

Sábado, 20 de Junho de 1942

Durante uns dias não escrevi nada porque, primeiro quis pensar seriamente na finalidade e no sentido de um diário. Experimento uma sensação singular ao escrever o meu diário. Não é só por nunca ter - escrito -, suponho que, mais tarde, nem eu nem ninguém achará interesse nos desabaços de uma rapariga de treze anos. Mas na realidade tudo isso não importa. Apetece-me escrever e quero aliviar o meu coração de todos os pesos.

- O papel é mais paciente do que os homens -. Era nisso que eu pensava muitas vezes quando, nos meus dias melancólicos, punha a cabeça entre as mãos e sem saber o que havia de fazer comigo. Ora queria ficar em casa, ora queria sair e, a maior parte das vezes, ficava-me a cismar sem sair do sítio. Sim, o papel é paciente! E não tenciono mostrar este caderno com o nome pomposo de - Diário - seja a quem for, a não ser que venha a encontrar na minha vida o tal - grande amigo - ou a tal - grande amiga -.

De resto, a mais ninguém poderá interessar o que vou escrever. E pronto!, cheguei ao ponto principal de todas estas considerações: não tenho uma verdadeira amiga!, vou-me explicar melhor, pois ninguém pode compreender que uma rapariga de treze anos se sinta só. É, de facto, coisa estranha. Tenho pais simpáticos e bons, tenho uma irmã de dezasseis anos, ao todo, por aí uns trinta conhecidos ou o que se chama geralmente - amigos -. Tenho uma comitiva de admiradores que me fazem todas as vontades. Mesmo na aula tentam ver-me o rosto com um espelhinho de bolso e só se dão por satisfeitos quando lhes sorrio. Tenho parentes, tias e tios, muito simpáticos, uma casa bonita, e, pensando bem, não me falta nada, senão uma amiga! Com todos os meus numerosos conhecidos, só consigo fazer tolices ou falar sobre coisas banais. Não me é possível abrir-me, sinto-me como que "abotoada". Pode ser que esta falta de confiança seja defeito meu.

Figura 2:
[anne frank]

3.2 Conativa ou Apelativa

Nessa função, a intenção é **convencer e influenciar o receptor (leitor)**, então a linguagem utilizada é extremamente persuasiva, para que o objetivo seja alcançado facilmente. Desse modo, o elemento em destaque é o **receptor da mensagem**. Ex.: propagandas e discursos políticos.



Figura 3:
[propaganda]

3.3 Fática

Essa função tem como objetivo **constituir ou interromper a comunicação**, destacando, portanto, o contato inicial (cumprimento) ou o final (despedida). Assim, a relação entre emissor e receptor é a parte mais importante. Desse modo, o elemento de comunicação em destaque é o canal. Ex.: diálogos, saudações, expressões utilizadas em cumprimentos, Call Center e vídeo chamada.

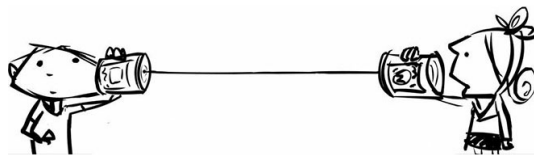


Figura 4:
[propaganda]

3.4 Referencial ou Denotativa

Nesta função a intenção do emissor é **informar**, possui caráter extremamente impessoal, sendo assim, os textos desse tipo são escritos em terceira pessoa (singular ou plural) e **não envolvem subjetividade ou emoções**. Por ter essas características, ela é muito utilizada em reportagens, notícias, artigos científicos, dentre outros. Assim, o elemento central é **o contexto da comunicação**.

Jornais são um exemplo.

3.5 Poética

A função poética **tem como foco o modo como a mensagem será transmitida**, sendo assim o aspecto estético sonoro e visual é de extrema importância nesse tipo de texto, então há uma seleção de expressões e vocabulário, além da grande utilização de figuras de linguagem. Com todas essas especificidades, ela é muito utilizada em obras literárias, provérbios e músicas. O principal elemento da comunicação é a **mensagem** propriamente dita.

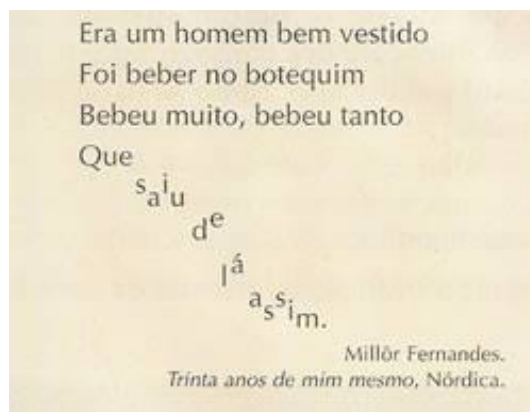


Figura 5:
[poética]

3.6 Metalinguística

Essa função tem como **objetivo remeter-se à própria linguagem**, ou seja, utiliza a língua para se referir a ela mesma. Ela está presente tanto em textos verbais quanto em não verbais, como esboços de desenhos e storytelling. Desse modo, o emissor faz uso do código para explicar algo referente a ele próprio. Assim, o elemento da comunicação que é o **foco dessa função é o código**, como dito acima.

Ex.: gramática e dicionários.

4 Lista de Exercícios

1. **(ENEM - INEP)** - A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, divide-se em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

DUARTE, M. O guia dos curiosos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Predomina no texto a função da linguagem:

- a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia.
- b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação.
- c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem.
- d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor.
- e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

2. **(ENEM - INEP)** -

Texto I

Ser brotinho não é viver em um píncaro azulado; é muito mais! Ser brotinho é sorrir bastante dos homens e rir interminavelmente das mulheres, rir como se o ridículo, visível ou invisível, provocasse uma tosse de riso irresistível. CAMPOS, Paulo Mendes. Ser brotinho. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). As cem melhores crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 91.

Texto II

Ser gagá não é viver apenas nos idos do passado: é muito mais! É saber que todos os amigos já morreram e os que teimam em viver são entrevados. É sorrir, interminavelmente, não por necessidade interior, mas porque a boca não fecha ou a dentadura é maior que a arcada.

FERNANDES, Millôr. Ser gagá. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). As cem melhores crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 225.

Os textos I e II utilizam os mesmos recursos expressivos para definir as fases da vida de uma pessoa. Tal afirmação é confirmada pelo uso de:

- a) expressões coloquiais com significados semelhantes.
 - b) afirmações enfáticas no aspecto contraditório da vida dos seres humanos.
 - c) recursos específicos de textos escritos em linguagem formal.
 - d) termos denotativos que se realizam com sentido objetivo.
 - e) metalinguagem que explica com humor o sentido de palavras.
3. (UFV - 2005) - Leia as passagens abaixo, extraídas de São Bernardo, de Graciliano Ramos:
- I. Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planeei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões.
 - II. Uma semana depois, à tardinha, eu, que ali estava aboletado desde meio-dia, tomava café e conversava, bastante satisfeito.
 - III. João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante.
 - IV. Já viram como perdemos tempo em padecimentos inúteis? Não era melhor que fôssemos como os bois? Bois com inteligência. Haverá estupidez maior que atormentar-se um vivente por gosto? Será? Não será? Para que isso? Procurar dissabores! Será? Não será?
 - V. Foi assim que sempre se fez. [respondeu Azevedo Gondim] A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

Assinale a alternativa em que ambas as passagens demonstram o exercício de metalinguagem em São Bernardo:

- a) III e V.
- b) I e II.
- c) I e IV.
- d) III e IV.
- e) II e V.

4. (PUC - SP - 2001)

A Questão é Começar

”Coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também. Na fala, antes de iniciar, mesmo numa livre conversação, é necessário quebrar o gelo. Em nossa civilização apressada, o “bom dia”, o “boa tarde, como vai?” já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol. No escrever também poderia ser assim, e deveria haver para a escrita algo como conversa vadia, com que se divaga até encontrar assunto para um discurso encadeado. Mas, à diferença da conversa falada, nos ensinaram a escrever e na lamentável forma mecânica que supunha texto prévio, mensagem já elaborada. Escrevia-se o que antes se pensara. Agora entendo o contrário: escrever para pensar, uma outra forma de conversar.

Assim fomos “alfabetizados”, em obediência a certos rituais. Fomos induzidos a, desde o início, escrever bonito e certo. Era preciso ter um começo, um desenvolvimento e um fim predeterminados. Isso estragava, porque bitolava, o começo e todo o resto. Tentaremos agora (quem? eu e você, leitor) conversando entender como necessitamos nos reeducar para fazer do escrever um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio pensar. “Pare aí”, me diz você. “O escrevente escreve antes, o leitor lê depois.” “Não!”, lhe respondo, “Não consigo escrever sem pensar em você por perto, espiando o que escrevo. Não me deixe falando sozinho.”

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam assuntos. Termina-se sabe Deus onde.”

(MARQUES, M.O. Escrever é Preciso, Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 1997, p. 13).

Observe a seguinte afirmação feita pelo autor: “Em nossa civilização apressada, o “bom dia”, o “boa tarde” já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol.” Ela faz referência à função da linguagem cuja meta é “quebrar o gelo”. Indique a alternativa que explicita essa função.

- a) Função emotiva
- b) Função referencial
- c) Função fática
- d) Função conativa
- e) Função poética

5. ENEM - 2007

O canto do guerreiro

”Aqui na floresta Dos ventos batida, Façanhas de bravos Não geram escravos, Que estimem a vida Sem guerra e lidar. — Ouvi-me, Guerreiros, — Ouvi meu cantar. Valente na guerra, Quem há, como eu sou? Quem vibra o tacape Com mais valentia? Quem golpes daria Fatais, como eu dou? — Guerreiros, ouvi-me; — Quem há, como eu sou?” (Gonçalves Dias.)

Macunaíma (Epílogo)

”Acabou-se a história e morreu a vitória.

Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares, aqueles campos, furos puxadouros arrastadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era solidão do deserto... Um silêncio imenso dormia à beira do rio

Uraricoera. Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar da tribo nem contar aqueles casos tão pançudos. Quem podia saber do Herói?”

(Mário de Andrade.)

Considerando-se a linguagem desses dois textos, verifica-se que

- a) a função da linguagem centrada no receptor está ausente tanto no primeiro quanto no segundo texto.
- b) a linguagem utilizada no primeiro texto é coloquial, enquanto, no segundo, predomina a linguagem formal.
- c) há, em cada um dos textos, a utilização de pelo menos uma palavra de origem indígena.
- d) a função da linguagem, no primeiro texto, centra-se na forma de organização da linguagem e, no segundo, no relato de informações reais.
- e) a função da linguagem centrada na primeira pessoa, predominante no segundo texto, está ausente no primeiro.

6. ENEM - 2012

Desabafo

”Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado.”

CARNEIRO, J. E. Veja, 11 set. 2002 (fragmento).

Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com o predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica Desabafo, a função da linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois

- a) o discurso do enunciador tem como foco o próprio código.
- b) a atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito.
- c) o interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem.
- d) o referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais.
- e) o enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

7. (IBMEC - 2006) Me devolva o Neruda (que você nem leu)

”Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o “que você nem leu”. A palavra Neruda – prêmio Nobel, chileno, de esquerda – era proibida no Brasil. Na sala da Censura Federal o nosso poeta negociou a proibição. E a música foi liberada quando ele acrescentou o “que você nem leu”, pois ficava parecendo que ninguém dava bola para o Neruda no Brasil. Como eram burros os censores da ditadura militar! E coloca burro nisso!!! Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela. Imagine a cena. No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta: me devolva o Neruda que você nem leu! Pense nisso.

Pois eu pensei exatamente nisso quando comecei a escrever esta crônica, que não tem nada a ver com o Chico, nem com o Neruda e, muito menos, com os militares.

É que eu estou aqui para dizer um tchau. Um tchau breve porque, se me aceitarem – você e o diretor da revista -, eu volto daqui a dois anos. Vou até ali escrever uma novela na Globo (o padrão vai continuar o mesmo) e depois eu volto.

Esperando que você já tenha lido o Neruda.

Mas aí você vai dizer assim: pó, escrever duas crônicas por mês, fora a novela, o cara não consegue? O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda?

Preguiçoso, no mínimo.

Quando faço umas palestras por aí, sempre me perguntam o que é necessário para se tornar um escritor. E eu sempre respondo: talento e sorte. Entre os 10 e 20 anos, recebia na minha casa O Cruzeiro, Manchete e o jornal

Última Hora. E lá dentro eu lia (me invejem): Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta, Carlos Heitor Cony. E pensava, adolescentemente: quando eu crescer, vou ser cronista.

Bem ou mal, consegui meu espaço. E agora, ao pedir de volta o livro chileno, fico pensando em como eu me sentiria se, um dia, um desses aí acima escrevesse que iria dar um tempo. Eu matava o cara! Isso não se faz com o leitor (desculpe, minha amiga, não estou me colocando no mesmo nível deles, não!)

E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):

Escuchas otras voces en mi voz dolorida
Llanto de viejas bocas, sangre de viejas súplicas,
Amame, compañera.
No me abandones. Sigüeme, Sigüeme, compañera,
en esa ola de angústia. Pero se van tiñendo con tu amor mis palabras
Todo lo ocupas tú, todo lo ocupas
Voy haciendo de todas un collar infinito
Para tus blancas manos, suaves como las uvas.

Desculpe o mau jeito: tchau!”

(Prata, Mario. Revista Época. São Paulo. Editora Globo, Nº – 324, 02 de agosto de 2004, p. 99)

Relacione os fragmentos abaixo às funções da linguagem predominantes e assinale a alternativa correta.

I – “Imagine a cena”.

II – “Sou um homem de sorte”.

III – “O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda?”.

- a) Emotiva, poética e metalinguística, respectivamente.
- b) Fática, emotiva e metalinguística, respectivamente.
- c) Metalinguística, fática e apelativa, respectivamente.
- d) Apelativa, emotiva e metalinguística, respectivamente.
- e) Poética, fática e apelativa, respectivamente.

8. UNIFESP 2002

Texto I:

Perante a Morte empalidece e treme, Treme perante a Morte, empalidece. Coroa-te de lágrimas, esquece O Mal cruel que nos abismos gene.

(Cruz e Souza, Perante a morte.)

Texto II:

Tu choraste em presença da morte? Na presença de estranhos choraste? Não descende o cobarde do forte; Pois choraste, meu filho não és!

(Gonçalves Dias, I Juca Pirama.)

Texto III:

Corrente, que do peito destilada, Sois por dous belos olhos despedida; E por carmim correndo dividida, Deixais o ser, levais a cor mudada.

(Gregório de Matos, Aos mesmos sentimentos.)

Texto IV:

Chora, irmão pequeno, chora, Porque chegou o momento da dor. A própria dor é uma felicidade...

(Mário de Andrade, Rito do irmão pequeno.)

Texto V:

Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira é esta, Que impudente na gávea tripudia?!... Silêncio! ... Musa! Chora, chora tanto Que o pavilhão se lave no teu pranto...

(Castro Alves, O navio negreiro.)

Dois dos cinco textos transcritos expressam sentimentos de incontida revolta diante de situações inaceitáveis. Esse transbordamento sentimental se faz por meio de frases e recursos linguísticos que dão ênfase à função emotiva e à função conativa da linguagem. Esses dois textos são:

- a) I e IV.
- b) II e III.
- c) II e V.
- d) III e V.
- e) IV e V.

9. (ENEM 2014)

O telefone tocou. — Alô? Quem fala? — Como? Com quem deseja falar? — Quero falar com o sr. Samuel Cardoso. — É ele mesmo. Quem fala, por obséquio? — Não se lembra mais da minha voz, seu Samuel? Faça um esforço. — Lamento muito, minha senhora, mas não me lembro. Pode dizer-me de quem se trata?

(ANDRADE, C. D. Contos de aprendiz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.)

Pela insistência em manter o contato entre o emissor e o receptor, predomina no texto a função

- a) metalinguística.
- b) fática.
- c) referencial.
- d) emotiva.
- e) conativa.

10. (UFS)

Disparidades raciais

Fator decisivo para a superação do sistema colonial, o fim do trabalho escravo foi seguido pela criação do mito da democracia racial no Brasil. Nutriu-se, desde então, a falsa ideia de que haveria no país um convívio cordial entre as diversas etnias.

Aos poucos, porém, pôde-se ver que a coexistência pouco hostil entre brancos e negros, por exemplo, mascarava a manutenção de uma descomunal desigualdade socioeconômica entre os dois grupos e não advinha de uma suposta divisão igualitária de oportunidades.

O cruzamento de alguns dados do último censo do IBGE relativos ao Rio de Janeiro permite dimensionar algumas dessas inequívocas diferenças. Em 91, o analfabetismo no Estado era 2,5 vezes maior entre negros do que entre brancos, e quase 60% da população negra com mais de 10 anos não havia conseguido ultrapassar a 4^a. série do 1^o. grau, contra 39% dos brancos. Os números relativos ao ensino superior confirmam a cruel seletividade imposta pelo fator socioeconômico: até aquele ano, 12% dos brancos haviam concluído o 3^o. Grau, contra só 2,5% dos negros.

É inegável que a discrepância racial vem diminuindo ao longo do século: o analfabetismo no Rio de Janeiro era muito maior entre negros com mais de 70 anos do que entre os de menos de 40 anos. Essa queda, porém, ainda não se traduziu numa proporcional equalização de oportunidades.

Considerando que o Rio de Janeiro é uma das unidades mais desenvolvidas do país e com acentuada tradição urbana, parece inevitável extrapolar para outras regiões a inquietação resultante desses dados.

(Folha de São Paulo, 9. de jun. de 1996. Adaptado).

Considerando as funções que a linguagem pode desempenhar, reconhecemos que, no texto acima, predomina a função:

- a) apelativa: alguém pretende convencer o interlocutor acerca da superioridade de um produto.
- b) expressiva: o autor tenciona apenas transparecer seus sentimentos e emoções pessoais.
- c) fática: o propósito comunicativo em jogo é o de entrar em contato com o parceiro da interação.

- d) estética: o autor tem a pretensão de despertar no leitor o prazer e a emoção da arte pela palavra.
- e) referencial: o autor discorre acerca de um tema e expõe sobre ele considerações pertinentes.

11. (ENEM 2014)

Há o hipotrélico. O termo é novo, de impensada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se hipotrélico querendo dizer: antipodático, senengraçante imprizado; ou talvez, vicedito: indivíduo pedante, importuno agudo, falta de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrélico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

(ROSA, G. Tutameia: terceiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001) (fragmento).

Nesse trecho de uma obra de Guimarães Rosa, depreende-se a predominância de uma das funções da

- a) metalinguística, pois o trecho tem como propósito essencial usar a língua portuguesa para explicar a própria língua, por isso a utilização de vários sinônimos e definições.
- b) referencial, pois o trecho tem como principal objetivo discorrer sobre um fato que não diz respeito ao escritor ou ao leitor, por isso o predomínio da terceira pessoa.
- c) fática, pois o trecho apresenta clara tentativa de estabelecimento de conexão com o leitor, por isso o emprego dos termos “sabe-se lá” e “tome-se hipotrélico”.
- d) poética, pois o trecho trata da criação de palavras novas, necessária para textos em prosa, por isso o emprego de “hipotrélico”.
- e) expressiva, pois o trecho tem como meta mostrar a subjetividade do autor, por isso o uso do advérbio de dúvida “talvez”.

12. (ENEM 2013) Lusofonia

rapariga: s.f., fem. de rapaz: mulher nova; moça; menina; (Brasil), meretriz.

Escrevo um poema sobre a rapariga que está sentada no café, em frente da chávena de café, enquanto alisa os cabelos com a mão. Mas não posso escrever este poema sobre essa rapariga porque, no Brasil, a palavra rapariga não quer dizer o que ela diz em Portugal. Então, terei de escrever a mulher nova do café, a jovem do café, a menina do café, para que a reputação da pobre rapariga que alisa os cabelos com a mão, num café de Lisboa, não fique estragada para sempre quando este poema atravessar o atlântico para desembarcar no Rio de Janeiro. E isto tudo sem pensar em África, porque aí lá terei de escrever sobre a moça do café, para evitar o tom demasiado continental da rapariga, que é uma palavra que já me está a pôr com dores de cabeça até porque, no fundo, a única coisa que eu queria era escrever um poema sobre a rapariga do café. A solução, então, é mudar de café, e limitar-me a escrever um poema sobre aquele café onde nenhuma rapariga se pode sentar à mesa porque só servem café ao balcão.

JÚDICE, N. Matéria do Poema. Lisboa: D. Quixote, 2008.

O texto traz em relevo as funções metalinguística e poética. Seu caráter metalinguístico justifica-se pela:

- a) discussão da dificuldade de se fazer arte inovadora no mundo contemporâneo.
- b) defesa do movimento artístico da pós-modernidade, típico do século XX.
- c) abordagem de temas do cotidiano, em que a arte se volta para assuntos rotineiros.
- d) tematização do fazer artístico, pela discussão do ato de construção da própria obra.
- e) valorização do efeito de estranhamento causado no público, o que faz a obra ser reconhecida.

13. Resumo

Função emotiva — emissor

Função poética — mensagem

Função conativa (apelativa) — receptor

Função referencial (denotativa) — contexto

Função metalinguística — código

Função fática — canal

Funções da Linguagem

1 - Denotativa
(informativa-referencial)
↳ clareza, objetividade
Ex: jornal.

2 - Conativa
(apelativa)
↳ convencer, ordem, pedido
Ex: propaganda.

3 - Emotiva
(expressiva)
↳ ênfase no "eu", opinativa, subjetiva
Ex: música.

4 - Fática
(contato, verificativa)
↳ clareza, objetividade
Ex: Oi! Tá ligado?
Aiô! Né?

5 - Metalinguística
(auto-explicativa)
Ex: dicionário, receita, tutorial no youtube.

6 - Poética
↳ estética, rima, sons

#DicasPró

PRÓ UNIVERSIDADE

material para o ENEM

HORA do ENEM

Figura 6:
[quadro]

Elemento predominante	Função
Emissor	Emotiva
Receptor	Apelativa
Mensagem	Poética
Código	Metalinguística
Referente	Referencial
Canal	Fática

Figura 7:
[quadro]

5 Gabarito

Questão 1 - E - referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

Questão 2 - E - metalinguagem que explica com humor o sentido de palavras.

Questão 3 - A - III e V.

Questão 4 - C - Função fática

Questão 5 - C - há, em cada um dos textos, a utilização de pelo menos uma palavra de origem indígena.

Questão 6 - B - a atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito.

Questão 7 - D - Apelativa, emotiva e metalinguística, respectivamente.

Questão 8 - C - II e V.

Questão 9 - B - fática.

Questão 10 - E - referencial: o autor discorre acerca de um tema e expõe sobre ele considerações pertinentes.

Questão 11 - A - metalinguística, pois o trecho tem como propósito essencial usar a língua portuguesa para explicar a própria língua, por isso a utilização de vários sinônimos e definições.

Questão 12 - D - tematização do fazer artístico, pela discussão do ato de construção da própria obra.